

## A SOCIEDADE E A BURGUESIA EUROPÉIA NA ERA DOS IMPÉRIOS 1875-1914

Jorge Alberto de Figueiredo\*

**RESUMO:** Desde o começo do século XIX, numerosas publicações, sobre certos pontos, uma iconografia abundante foram consagradas à sociedade e a burguesia européia. Paralelamente, uma reflexão sobre a burguesia levou a ensaios brilhantes e análises mais rigorosas: uns são o reflexo das circunstâncias, outras repousam em observações múltiplas e sistemáticas. Tanto na opinião comum como para o pensamento erudito, a noção de burguesia e sociedade permanece incerta. No decorrer das últimas décadas, todavia, a questão foi retomada pelos historiadores. Houve uma mudança do pensamento, uma perspectiva diferente, da idéia de uma época sem nenhum conflito ideológico e social, a “*belle époque*”

### INTRODUÇÃO

Ao entrar no século XX, o mundo levava consigo uma hoste de dinastias que acreditavam governar por direito divino. As classes dirigentes julgavam ter nascido para deter o poder e as decisões políticas, quando não estavam nas mãos dos aristocratas, eram delegadas para administrações, cujo luminar também vinha principalmente das fileiras da aristocracia hereditária fundiária.

Na Europa, especialmente, o *status quo* parecia bem seguro. As economias estavam em expansão, em conseqüência da industrialização rápida e da exploração colonialista; a estabilidade parecia garantida por uma teia complexa de alianças diplomáticas, reforçada em muitos casos por laços de sangue ou casamento: o *Kaiser* Guilherme II da Alemanha, o *Czar* Nicolau II da Rússia e o Rei George V da Grã Bretanha, por exemplo, eram todos primos entre si.

Para uns poucos, a paz e a abundância permitiam uma vida de extravagâncias; os fidalgos elegantes trocavam amabilidades e exibiam a última moda no Hyde Park, de Londres, ou no Unter den Linden, de Berlim; o café society fervilhava nas calçadas de Viena; foliões iam a bailes de máscara na Ópera de Paris, enquanto duelistas defendiam suas honras no Bois de Boulogne. E se o torvelinho da “estação” urbana começasse a entediá-los, havia a alternativa dos fins de semana no campo, corridas de cavalos, regatas caçadas e partidas de pólo. A prosperidade despreocupada da época granjeou-lhe – em anos posteriores – o título de “*La Belle Époque*”.

Em outros lugares, o privilégio refletia tradição. Para mais de um quarto de toda a humanidade, o centro do universo estava, havia séculos, dentro dos cem hectares fechados da Cidade Proibida de Pequim, onde três mil eunucos serviam ao ocupante do Trono do Dragão, na China. E na velha Constantinopla, um harém de centenas de mulheres aflagava o sultão otomano, como acontecia desde o século XVI.

Sob suspeita, porém, o rancor crescia entre aqueles que não participavam dessa vida dourada. Na Europa, terroristas anarquistas, decididos a abolir todos os sistemas políticos e legais, assassinaram sete chefes de estado, entre 1894 e 1913. E os movimentos operários, clamando por melhores condições de trabalho, expressavam seu descontentamento com greves freqüentes. Mais para o oriente, os ressentimentos tornaram-se forças poderosas o bastante para derrubar a velha ordem. No Oriente Médio, o despotismo do sultão otomano foi substituído por um governo constitucional em 1908. Na China, quatro anos

depois, os reformistas que buscavam revitalizar a nação acabaram com séculos de mando imperial.

Mas a maior mudança viria com a Primeira Guerra Mundial. Para a elite da Europa, os longos dias quentes de agosto de 1914 seriam como o veranico de maio: os tempos jamais seriam tão bons novamente. Em 1919, após a carnificina de quatro anos, os Hasburgo da Áustria-Hungria, os Hohenzollern da Alemanha e os Romanov da Rússia – dinastias que tinham determinado o destino da Europa – estavam destronados. Os sobreviventes das massas patrióticas que tinham marchado tão obediente para a batalha emergiram agora para dar uma nova forma ao mundo.

### 1. O eclipse da velha ordem

No ano de 2001, ficou em cartaz, por algum tempo nas salas de cinema, o filme *Naufrago*. É história de um cidadão americano, funcionário da firma Fedex de entregas rápidas. Em uma de suas viagens sofre um acidente aéreo. Único sobrevivente, vê-se sozinho em uma ilha do Oceano Pacífico. Fica nesta ilha por quatro anos, onde passa por várias dificuldades para se manter vivo.

Mas chega o momento em que ele é obrigado a enfrentar o oceano para poder voltar a civilização, pois cedo ou tarde, morreria na ilha sem que ninguém o encontrasse.

Uma história interessante e um exemplo de persistência, para vencer os grandes desafios.

Se olharmos com mais atenção, notaremos que não existe muita diferença desta luta de um homem só e as lutas da burguesia e classes sociais, na Era dos Impérios, de 1875 a 1914, onde se viram obrigadas a enfrentar o oceano das transformações e das conquistas para tentarem viver de um modo melhor. Assim como o naufrago, que aventurou-se mar adentro para buscar sua liberdade, as sociedades européias também a fizeram, através de revoltas, reivindicações, guerras. Esse período, deixou marcas, onde mostram as transformações e também vem nos trazer uma nova visão do que era a famosa Belle Époque, que nos dias de hoje tanto se vê falar, e pensa-se que tudo era as mil maravilhas. As lutas e os sacrifícios para conquistar tais mudanças despertaram seres que mais tarde trouxeram maiores transformações no mundo.

Ao nos referirmos ao século XIX, e mais precisamente à Era dos Impérios, a idéia geral vem a ser de uma época onde tudo era maravilhoso, espantoso e causava

êxtase nas pessoas, devido às grandes descobertas no campo da ciência agricultura, medicina, indústrias e etc. É certo que essas descobertas proporcionaram um maior “conforto” para as pessoas daquela época. E é certo também afirmar que tais descobertas contribuíram para a expansão colonial, em busca de novas fronteiras, e matérias primas para uma maior produção de bens de consumo.

Era uma época em que as pessoas, pelo menos a maioria, acreditava que seus governantes e a aristocracia superior eram de seres designados por Deus para governarem, dando um caráter de “dinastias divinas”, nestas todos obedeciam o seu soberano e, também, o louvava sem direito de questionar suas decisões.

Essa realidade não só se aplicava aos indivíduos, mas para toda a sociedade como se pode observar na citação:

*(...) Mas isso não se aplica só aos indivíduos, mas também às sociedades. O Mundo em que vivemos é ainda, em grande medida, um mundo feito por homens e mulheres que cresceram no período de 1875-1914, [...] ou imediatamente antes. À medida que o século XX vai chegando ao fim, talvez isso esteja deixando de ocorrer – quem pode ter certeza? —, mas sem dúvida era o caso durante os dois primeiros terços de nosso século. (Hobsbawn, 1998, p.16).*

Mas, afinal de contas, o que vem a ser Imperialismo? Como se desenvolveu essa forma de governar? Como era a Sociedade nesse período. Porque essa era levou o nome de Belle Epoque? Tentaremos explicar cada uma dessas questões.

### O Imperialismo

O século XIX foi marcado principalmente pelo grande desenvolvimento técnico. Em 1856, por exemplo, o aperfeiçoamento de uma nova técnica na Inglaterra tornou possível a produção de aço em grande escala e a preços relativamente baratos. Pouco depois, o dínamo – uma máquina capaz de gerar energia elétrica – também seria aperfeiçoado. Seguiram-se, então importantes invenções, como o motor à explosão, o automóvel movido a gasolina, a fotografia e o cinema. Todas essas inovações provocaram profundas mudanças no mundo e nas relações econômicas internacionais, às quais se daria o nome de Segunda Revolução Industrial.

A partir das últimas décadas do século XIX, verificou-se nos países industrializados uma tendência à formação de grandes indústrias. Empresas de maior porte passaram a absorver as menores, eliminando a concorrência e promovendo a concentração de capitais. Surgiram também grandes bancos, capazes de controlar parte significativa do sistema de crédito. Mais tarde, essa organização econômica seria denominada Capitalismo Monopolista.

Na segunda metade do século XIX, mais concretamente a partir de 1870, iniciou-se o grande salto da expansão colonialista européia. Em menos de 30 anos, a febre colonial chegou aos confins do globo. A Grã-Bretanha e a França alargaram e consolidaram seus domínios na Ásia ao mesmo tempo em que se lançaram na grande aventura africana. A Alemanha de Otto Von Bismarck (1815/1898), estimulada

por um desenvolvimento econômico sem precedentes, provocou a divisão da África. Os holandeses aperfeiçoaram seus métodos de exploração na Insulíndia (hoje Indonésia), e o rei Leopoldo II (1835/1909), da Bélgica, instalou no Congo (hoje Zaire) um “Estado independente”. A partir de 1898, após apoderar-se de Porto Rico, Cuba e Filipinas, o governo dos Estados Unidos desencadeou um verdadeiro furacão imperialista.

Na primeira metade do século XIX, a expansão européia foi limitada. A Inglaterra manteve seu domínio sobre a Índia, a parte mais importante de seu império ultramarino remanescente da época moderna e ocupou as cidades do Cabo e de Natal no sul da África. A França iniciou, em 1830, um longo processo de colonização da Argélia (norte da África).

A partir de 1870, o forte crescimento industrial, a intensa competição por mercados, a passagem do capitalismo à fase do capitalismo monopolista e a grave crise econômica de superprodução levaram os governos da Inglaterra, da França, da Alemanha, dos Estados Unidos e mais tarde do Japão a assumirem uma política expansionista em busca de novos mercados e áreas de investimentos, dando origem ao IMPERIALISMO.

A burguesia européia, na busca crescente de lucros passou a financiar a exploração de minas, as monoculturas, a eletrificação de cidades e a construção de portos, pontes, canais e ferrovias, a fim de favorecer o setor exportador de cada região sob sua influência. Assim, a dominação econômica de caráter mais geral trazida pelo Imperialismo, acrescentou-se a dominação política, quase sempre estabelecida através da conquista militar, caracterizando uma nova forma de Colonialismo.

Para a burguesia, o Estado que até então existia para preservar a propriedade e a segurança de seus cidadãos, deveria agora apoiar a política imperialista, garantindo o capital investido fora da Europa.

(...) Nesse momento, ela (a burguesia) abandona a postura liberal, ou seja, de não intervenção do Estado em questões econômicas, para preservar sua taxa de lucro, deixando também de ser pacifista e humanista. (Arendt, 1978, p. 201)

A posse de colônias significava ter o “status” de potência e não possuí-las era reconhecer uma situação de inferioridade em relação aos demais países industrializados. Nesse sentido, o Imperialismo esteve também ligado ao desenvolvimento do nacionalismo e converteu-se numa política nacional seguida pelos Estados europeus, financiados por fundos públicos e apoiada pela criação de aparelhos administrativos nas regiões ocupadas.

### As Justificativas Européias Para o Imperialismo

Os políticos, os homens de negócio e os governantes europeus encaravam o Imperialismo como um fator necessário à prosperidade econômica e como uma forma de diminuir os graves problemas sociais de seus países. O discurso de Cécil Rhodes, imperialista

inglês, milionário e 12º Ministro da Colônia do Cabo na África do Sul, proferido em 1895, mostra claramente as raízes socioeconômicas do Imperialismo:

(...) Ontem estive no East-End (bairro operário de Londres) e assisti a uma assembleia de desempregados. Ao ouvir ali discursos exaltados, cuja nota dominante era: pão! pão!, e ao refletir, de regresso a casa, sobre o que tinha ouvido, convenci-me, mais do que nunca, da importância do imperialismo... A idéia que acalento representa a solução do problema social: para salvar os 40 milhões de habitantes do Reino Unido de uma mortífera guerra civil, nós, os políticos coloniais, devemos apoderar-nos de novos territórios; para eles enviaremos o excedente de população e neles encontraremos novos mercados para os produtos das nossas fábricas e das nossas minas. O império sempre, o tenho dito, é uma questão de estômago. Se quereis evitar a guerra civil, deveis tornar-vos imperialistas. (Catani, 1982, p. 36)

O colonialismo passou a ser visto como uma tarefa árdua que beneficiava muito mais o colonizado do que o colonizador. Caracterizava-se como uma missão e um “dever moral” do europeu, a fim de acabar com as doenças tropicais, com o canibalismo, o escravismo e o paganismo e de levar a higiene, a instrução, o cristianismo, a ciência, enfim o progresso, aos povos atrasados.

O nativo africano ou asiático era visto pelo colonizador como uma mão-de-obra disponível e barata para trabalhar em suas fazendas. Os europeus fossem eles soldados, funcionários públicos ou agricultores, consideravam-se superiores aos habitantes das colônias, aos quais davam ordens. Nas colônias, eles se sentiam verdadeiros cidadãos de seus países e assumiam uma importância que não possuíam em sua pátria. Segundo Hobsbawm,

(...) em Dakar ou Mombaça, o mais modesto funcionário era um amo e era aceito como um gentleman por pessoas que não teriam notado sua existência em Paris ou Londres; o operário branco era um comandante de negros. (Hobsbawm, 1998, p. 107)

Assim, do ponto de vista do europeu, a obra civilizadora legitimava a dominação política e econômica, embora as populações submetidas não fossem consultadas sobre seus próprios interesses nessa troca.

### A Belle Epoque

A “era do otimismo” ou, mais conhecida como Belle Epoque, parte do seguinte princípio.

Os conservadores europeus e norte americanos do século XIX tinham muitas vezes uma visão pessimista quanto ao futuro. No entanto, desde o Iluminismo, a opinião culta tendeu a se colorir de maior otimismo (termo que só começou a ser usado no século XVIII). Talvez (embora seja possível medir) por volta de 1900 a maioria dos europeus, e americanos cultos estivessem certos de que a sua civilização se movimentara durante cerca de trezentos anos num ritmo crescente de progresso e esclarecimento. Viam na Renascença e na Reforma os primeiros grandes passos para romper com o grilhões do passado. Daí em diante a História pareceu-lhes

tomar um caminho: o do crescente domínio da natureza pela ciência, o surgimento de instituições políticas que tiraram o poder dos reis e dos nobres e o colocam nas mãos de cidadãos sensíveis e responsáveis para que controlassem as suas vidas, a expansão da alfabetização, sensíveis melhorias na vida e na saúde de milhões, e muitas outras mudanças, tudo isto os persuadiu de modo vago porém convincente de que a cultura à qual pertenciam apontava um futuro melhor para toda a humanidade. E mais, tenderam a pensar que as coisas continuariam assim. Em relação o mundo político por exemplo, achavam que o autodomínio crescera, e que isto era bom; argumentavam que visivelmente, de ambos os lados do Atlântico, um após outro, os povos expulsavam o domínio estrangeiro. O que os americanos fizeram em 1776, rebelando-se contra ingleses, o que se pensava que italianos e alemães haviam feito em meados do século XIX para unificar os seus países, e o que as nações dos Bálcãs estavam fazendo para minar o desgoverno turco e substituí-lo pelo seu próprio na virada do século, tudo isto podia ser visto como parte e parcela do mesmo movimento progressista. Alguns também pensavam que a luta pela liberdade de consciência individual, iniciada com a Reforma Protestante, abria caminho para um questionamento geral das idéias supersticiosas, para o triunfo da ciência e a eliminação de dogmas ultrapassados, embora os católicos romanos não concordassem

Trata-se de uma visão justificável daquilo que Jeremy Bentham, pensador inglês do século XVIII, chamou de “clima de opinião” que dominou grande parte do século XIX. Essa expressão é um meio conveniente de designar a tendência intelectual geral do que acontecia – não tanto teorias, conceitos, e descobertas individuais e específicas, mas sim o contexto no qual os intelectuais pensavam e no qual o mundo atuava, bem como as atitudes fundamentais subjacentes a esse contexto. Chama a atenção para aquilo que é dado como inquestionável. Quanto ao século XIX, parece razoável afirmar que o clima de progresso crescia, mesmo em 1900, e de bom grado acolhia as inovações.

Era isso uma verdade? Não! Não era. A situação, pelo menos para os deserdados da “sorte”, que viviam como se fossem “servos feudais”, e que também sofriam, as desigualdades e preconceitos, por terem nascidos e pertencerem a uma classe menos favorecida, não via com bons olhos tal realidade. Mediante tal situação e como diz o ditado popular “Quando a água chega até o peito do homem, este aprende a nadar”, a sociedade da Era dos Impérios, sentindo na pele a fome e a miséria, e a indiferença da aristocracia, e até mesmo de alguns setores da burguesia, viram-se obrigados a tentar mudar o modo de vida.

Os menos observadores e mais sentimentais tentam constantemente retomar os encantos de uma era que as lembranças das classes altas e médias tenderam a ver através de uma névoa dourada:

(...) a assim chamada belle époque, naturalmente, esse enfoque agradou aos produtores de espetáculos e da mídia, os figurinistas e outros fornecedores dos consumidores muito ricos. Talvez seja esta versão do período com mais chances de ser conhecida do público através do cinema e da televisão.

Ela é totalmente insatisfatória, embora sem dúvida capte um aspecto altamente visível do período que afinal de contas, introduziu termos como “plutocracia” e “classe ociosa” no discurso público (Idem, 1998, p.21).

## Conclusão

O sentimento predominante, que existia na última década do século XIX, é de danação e extinção iminente.

Para os cidadãos que se reuniram nas praças de toda a Europa a 31 de dezembro de 1899, para celebrar o fim de um século de mudanças sem precedentes, muitos externavam sentimentos de heresia. Em se tratando de saúde, longevidade e conforto material, a qualidade de suas vidas, tinham melhorado amplamente; e as riquezas e o poder gerado pelo progresso tecnológico tinham permitido que a Europa dominasse mais do que nunca todas as outras civilizações. Mas na intimidade das multidões havia solitários incômodos. Nas palavras do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que morreu em 1900, entre esses solitários estavam “os espíritos mais corajosos que devem ser a consciência da alma moderna e como tal, devem concentrar todo o veneno, doença e perigo que só os tempos modernos poderiam produzir”. A disposição de ânimo dele foi expressa com maior intensidade no quadro *O Grito*, pintado pelo norueguês Edvard Munch, em 1893, e nas visões conturbadas dos artistas da época.

As ansiedades que emergiram na Europa na década de 1890 ficaram mais em evidência na cidade de Viena, onde era chamada de a “estação experimental para o fim do mundo”. Nessa capital pomposa do decadente império austro-húngaro, cheia de anti-semitismo, as tensões produzidas por dificuldades econômicas e um nacionalismo agressivo ficavam apenas disfarçadas sob um verniz de polidez e etiqueta rígida. A atmosfera da época fora descrita como “viscosa, perfumada, abafada, insalubre”. Por toda parte, o reprimido buscava desvios, brechas e escapes”.

Essas saídas que incluíam fantasias histéricas e loucura foram exploradas pelo psiquiatra Sigmund Freud, o mais influente de uma geração de artistas e intelectuais judeus. A psicanálise pioneira de Freud do “mal-estar da civilização” e suas teorias sobre os instintos inconscientes que motivam o comportamento, revelaram uma malaise arraigada que todos os progressos da medicina e da educação eram importantes para aliviar. Elas tornaram mais difícil do que nunca manter a feno que fora mola-mestra da política liberal predominante na primeira metade do século, a crença no poder da razão humana para levar a cabo o progresso social.

Em toda a Europa, outros dogmas também estavam desabando. O colapso das bolsas de Berlim e Frankfurt, em 9 de maio de 1873, data que ficou conhecida como “Sexta-feira Negra”, inaugurara uma severa depressão econômica cujos efeitos foram sentido no continente inteiro. Investimentos maciços, estimulados em parte pelo descobrimento de ouro na América e na Austrália em meados do século, tinham originado um crescimento da capacidade industrial que não correspondia à demanda e milhares de trabalhadores foram despedidos. As greves e o aumento da violência dos movimentos socialistas

mais extremamente fizeram estrago nas confiantes pretensões expansionistas das classes médias.

Muitos sentindo-se libertos de velhos tabus, voltaram-se para a diversão pura para qual o fim-de-século oferecia oportunidades abundantes, fosse nos music halls e cabarés das capitais da Europa, recém iluminadas por gás ou eletricidade, fosse na forma mais literária de revistas e peças satíricas e espirituosas. Em Londres, a alta sociedade seguia o exemplo do filho mais velho da rainha Vitória, o roliço e vulgar Albert Edward, que mantinha uma fileira de amantes e devotava seu tempo a festas, jogos de azar, caçadas, iates e mais festas. Os que entravam em choque com a norma ainda tinha, de pagar um preço: o dramaturgo Oscar Wilde ficou preso por dois anos depois da revelação de um *affair* homossexual, e uma peça de George Bernard Shaw sobre uma garçonete da estação Waterloo que se torna prostituta, escrita em 1894, ficou proibida até 1925. Mas havia um odor de prazeres proibidos no ar e uma disposição de testar os limites da liberdade.

Para os artistas de todo tipo, a perda da crença nas convenções estéticas e sociais foi tão perturbadora quanto libertadora. O poeta Stéphane Mallarmé abandonou as formas métricas e usou a linguagem em qualidades puramente simbólicas. Os compositores Arnold Schoenberg e Gustav Mahler, em Viena, e Claude Debussy, em Paris, experimentaram novos sistemas de harmonia ou estrutura musical. A partir da década de 1870, um grupo de pintores franceses, entre eles Auguste Renoir e Claude Monet, lançou um estilo revolucionário de pintura chamado impressionismo, no qual a experiência do artista a respeito de um tema era transcrita diretamente na tela em pinceladas rápidas de cores brilhantes. Fiel à natureza dinâmica e transitória da experiência humana, a pintura impressionista desafiou as regras fixas da perspectiva que governavam a arte ocidental havia cinco séculos e abriu caminho para os estilos mais expressivos e emocionalmente carregados da década de 1890. Os artistas foram amplamente ou escarneados pelo resto da sociedade: os velhos hábitos são duros de romper e a maioria das pessoas que compartilhavam da prosperidade material da época podia manter, pelo menos em público confiança nas convicções de seus avós. Mas as imagens deles, da boca aberta num grito silencioso de angústia, de corvos negros sobre campos de trigo, do espírito da guerra exultando sobre os corpos nus dos mortos, não eram apenas pessoais. Revelando uma inquietação comum, elas eram a expressão de uma nova e distinta sensibilidade moderna: ansiosa, incerta, enfrentando o futuro com esperança, mas também com medo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT, H. Da Revolução. São Paulo, Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. O sistema totalitário. Lisboa, D. Quixote, 1978.

**CATANI, A. M.** O que é imperialismo. **São Paulo, Brasiliense, 1982.**

**DAUMARD, A.** Os burgueses e a burguesia na França. **São Paulo, Martins Fontes, 1992.**

**GRAMSCI, A.** Maquiavel, a Política e o Estado Moderno. **Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.**

**HOBBSBAWM, E.** A Era dos Impérios - 1875-1914. **Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.**

**LENIN, V. I.** Obras Escolhidas. **São Paulo, Alfa-Ômega, 1986.**

**MARX, K. e ENGELS, F.** Manifesto do Partido Comunista. **São Paulo, Grijalbo, 1977.**

**TOCQUEVILLE, A. de.** A Democracia na América. **São Paulo, Edusp, 1977.**